



VEÍCULO#10

ProCOa2018

Projeto **Circuito Outubro aberto** outubro 2018 - procoautubroaberto.blogspot.com.br



ACESSO

Por Olívio Guedes

"O vidente não se apropria daquilo que vê".
(Merleau-Ponty, 1964)

Investigação do sistema estético pede inquirição e indagação a respeito da imagem. Esta depuração ocorre por procedimentos desenvolvidos para a compreensão do artista-obra-espectador; este campo do sentido nos faz perscrutar a forma, indo ao encontro do conteúdo.

No campo artístico/científico a pesquisa não pode se fechar em conclusões totalitárias, mas, em conclusões parciais, pois, o conjunto de atividades e diligências tomadas com o objetivo não esclarece fatos ou situações totalmente. Por que não? Se assim o fizer não haverá criação; perdendo o eterno vir-a-ser!
Penetrando em uma fenomenologia estética, obtendo a reflexão sobre a recepção do olhar, espectador-obra-artista, percebemos que o conhecimento da estética é fechado em seu momento, onde vive a implicação de modo dialético; apresentando as dimensões das experiências sensíveis do relacionamento humano, primeiro consigo próprio, e imediatamente com seu próximo.

O significado da arte está ligado à vida em sociedade, pois, o mundo da iconologia, onde nos debruçamos no estudo dos ícones que liga e rompe através das representações simbólicas, que figuras alegóricas apoiadas em seus suportes, de emblemáticas atitudes de atributos com repertórios no conjunto das obras, se unem para interpretação de temas que podem tender ao absurdo, com isto a visão mundo, por meio de seus reflexos nas artes, alude uma atitude básica de correntes de ramos que tratam de infinitos temas, porém, em seus determinados períodos.

A Gestalt como fenômenos em totalidades organizadas em articulações configura nas artes plásticas um posicionamento que firma as cargas emocionais com conceitos estéticos, de atribuição de seu espectador, sendo, portanto: imperativo a relação, onde faz existir o acesso.

ACESSO

Por Olívio Guedes

"El vidente no se apropria de aquello que ve".
(Merleau-Ponty, 1964)

Investigación del sistema estético pide investigación e indagación al respecto de la imagen. Esta depuración ocurre por procedimientos desenvueltos para la comprensión del artista-obra-espectador; este campo del sentido nos hace escudriñar la forma, yendo al encuentro del contenido.

En el campo artístico/científico, la pesquisa no se puede encerrar en conclusiones totalitarias, sino, en conclusiones parciales, porque, el conjunto de actividades y diligencias tomadas con el objetivo no aclara totalmente hechos o situaciones. ¿Por qué no? Si así lo es, no habrá creación; perdiendo el eterno venir a ser!

Penetrando en una fenomenología estética, obteniendo la reflexión sobre la recepción del mirar, espectador-obra-artista, percibimos que el conocimiento de la estética es cerrado en su momentum, donde vive la implicación de modo dialéctico; presentando las dimensiones de las experiencias sensibles del relacionamiento humano, primero consigo mismo e inmediatamente con su prójimo.

El significado del arte está relacionado a la vida en sociedad, porque, el mundo de la iconología, donde nos damos de bruces en el estudio de los íconos que liga y rompe a través de las representaciones simbólicas, que figuras alegóricas apoyadas en sus soportes, de emblemáticas actitudes de atributos con repertorios en el conjunto de las obras, se unen para interpretación de temas que pueden tender al absurdo, con esto la visión mundo, por medio de sus reflejos en las artes, alude una actitud básica de corrientes de ramos que tratan de infinitos temas, no obstante, en sus determinados períodos.

La Gestalt como fenómenos en totalidades organizadas en articulaciones, configura en las artes plásticas un posicionamiento que firme las cargas emocionales con conceptos estéticos, de atribución de su espectador, siendo, por lo tanto: imperativo la relación, donde existe el acceso.

ACCESS

By Olívio Guedes

"The psychic does not seize what he sees".
(Merleau-Ponty, 1964)

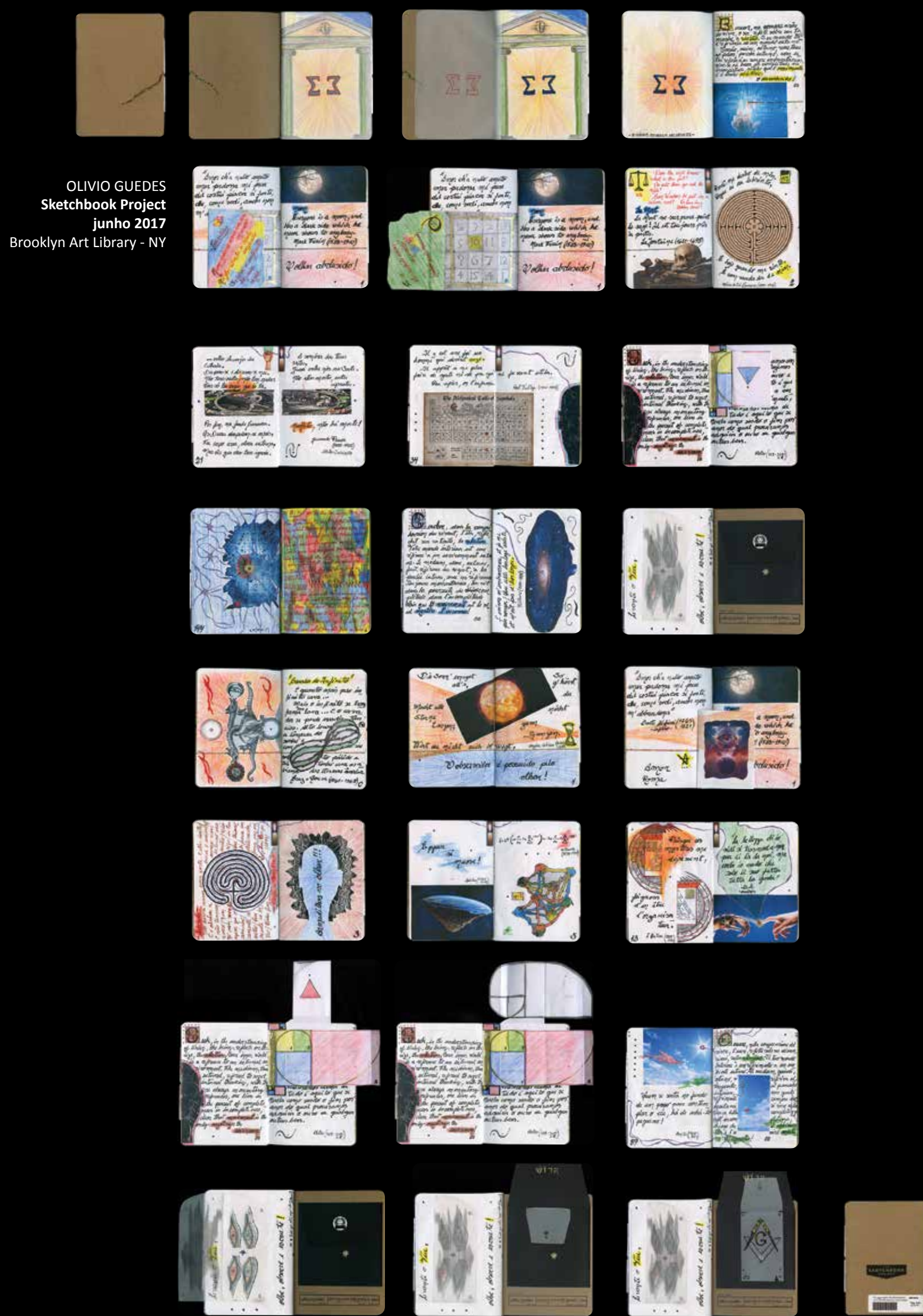
Research of the aesthetic system asks for inquiry and investigation regarding the image. This debugging occurs through procedures developed for the understanding of the artist-work-spectator; this field of meaning makes us search the form, going against the content.

In the artistic/scientific field, research cannot be closed in totalitarian conclusions, but in partial conclusions, therefore, the set of activities and diligences taken with the objective does not explain facts or situations totally. Why not? If you do, there will be no creation; missing the eternal come-to-be!

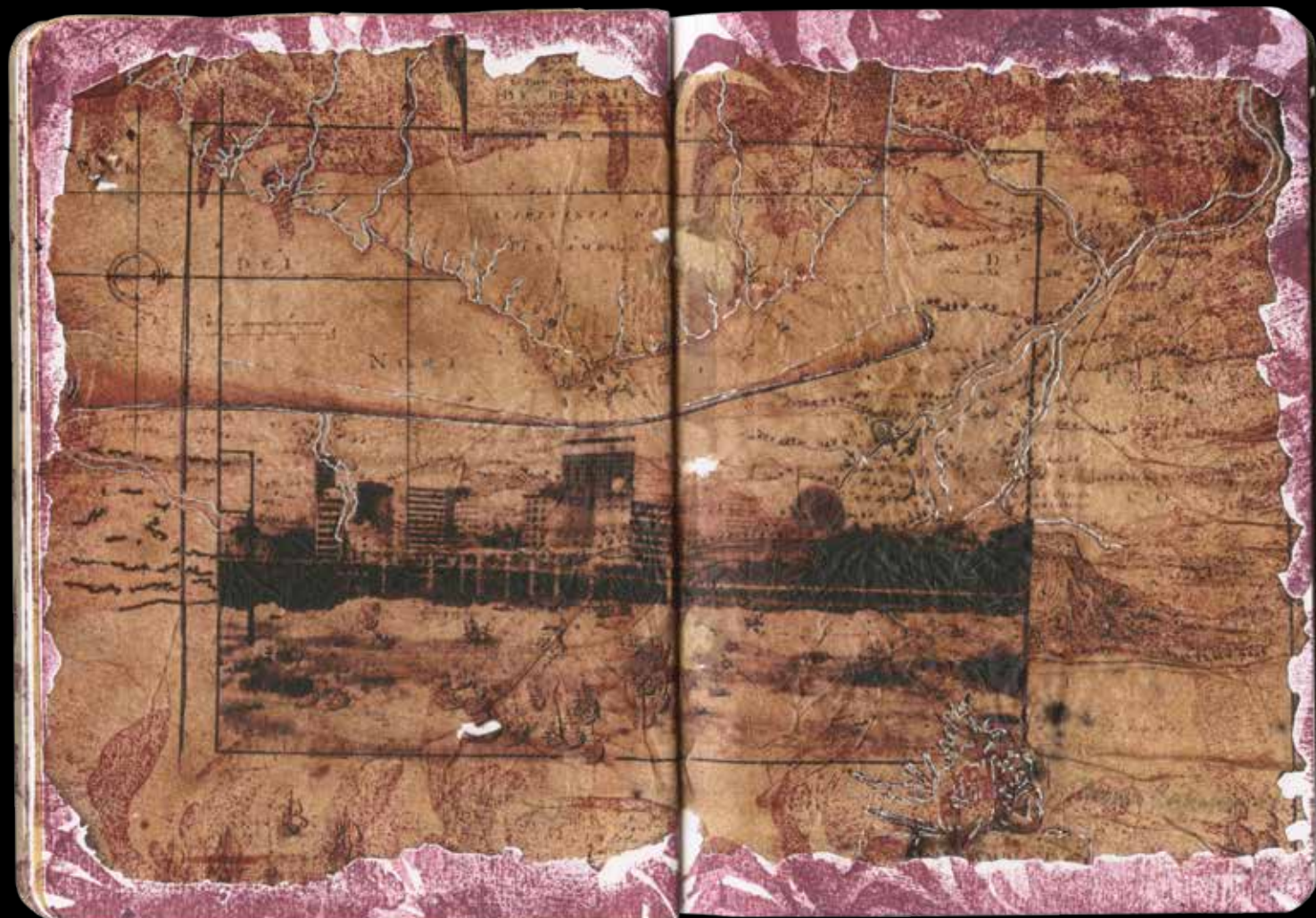
Penetrating an aesthetic phenomenology, obtaining reflection on the reception of the look, spectator-work-artist, we realize that the knowledge of aesthetics is closed in its momentum, where the implication lives dialectically; presenting the dimensions of the sensitive experiences of the human relationship, first with yourself, and immediately with your fellow man/woman.

The meaning of art is linked to life in society, because the world of iconology, where we focus on the study of icons that binds and breaks through symbolic representations, that allegorical figures supported in their pedestals, emblematic attitudes of attributes with repertoires in the set of works, unite for the interpretation of themes that may tend to the absurd, therefore, the world look, through its reflections in the arts, alludes to a basic attitude of branches that deal with infinite themes, but in their specific periods.

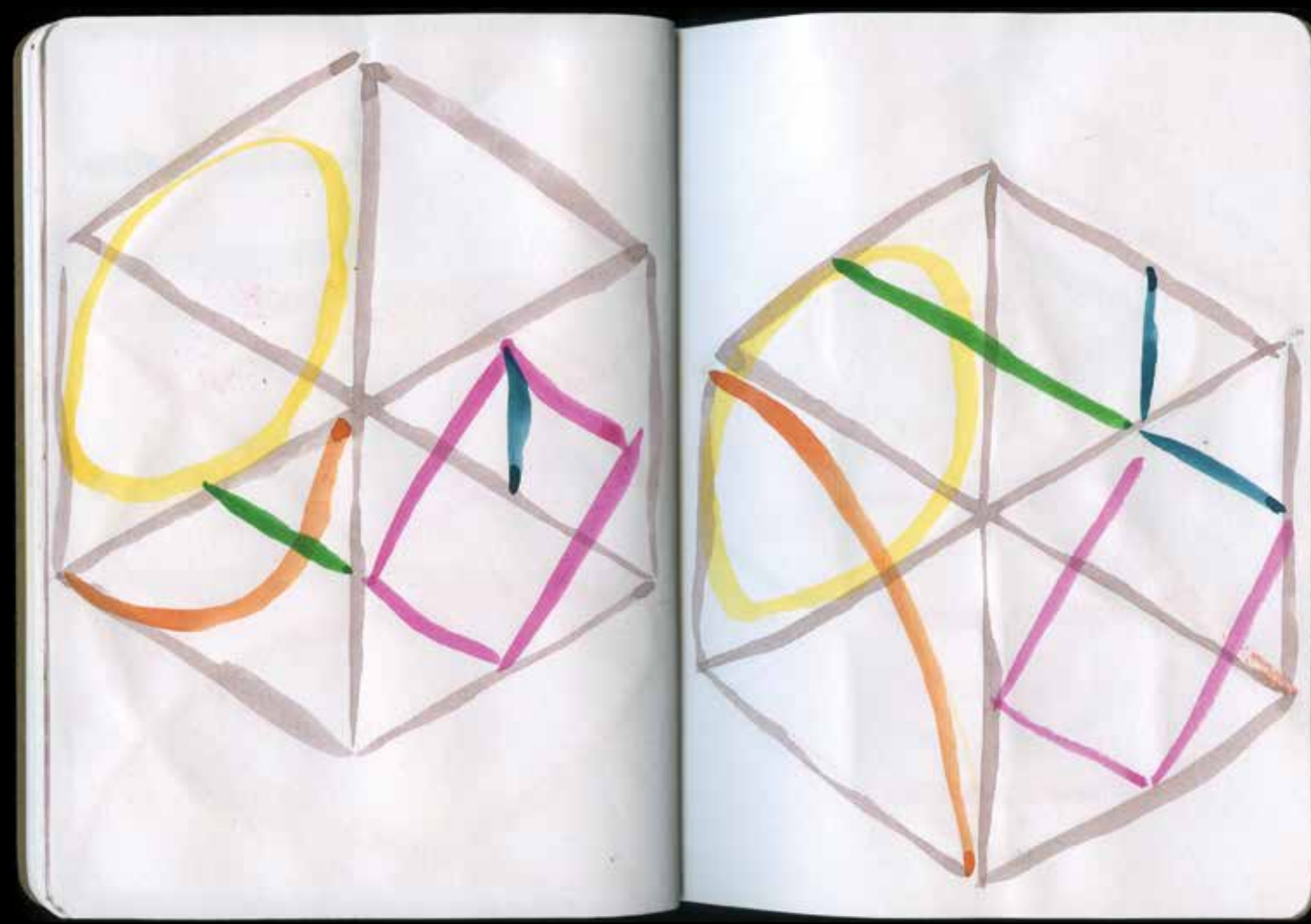
Gestalt, as phenomena in totalities organized in joints, forms in the plastic arts a position that establishes the emotional charges with aesthetic concepts, of attribution of its spectator, being therefore imperative to relation, where it makes the access exist.



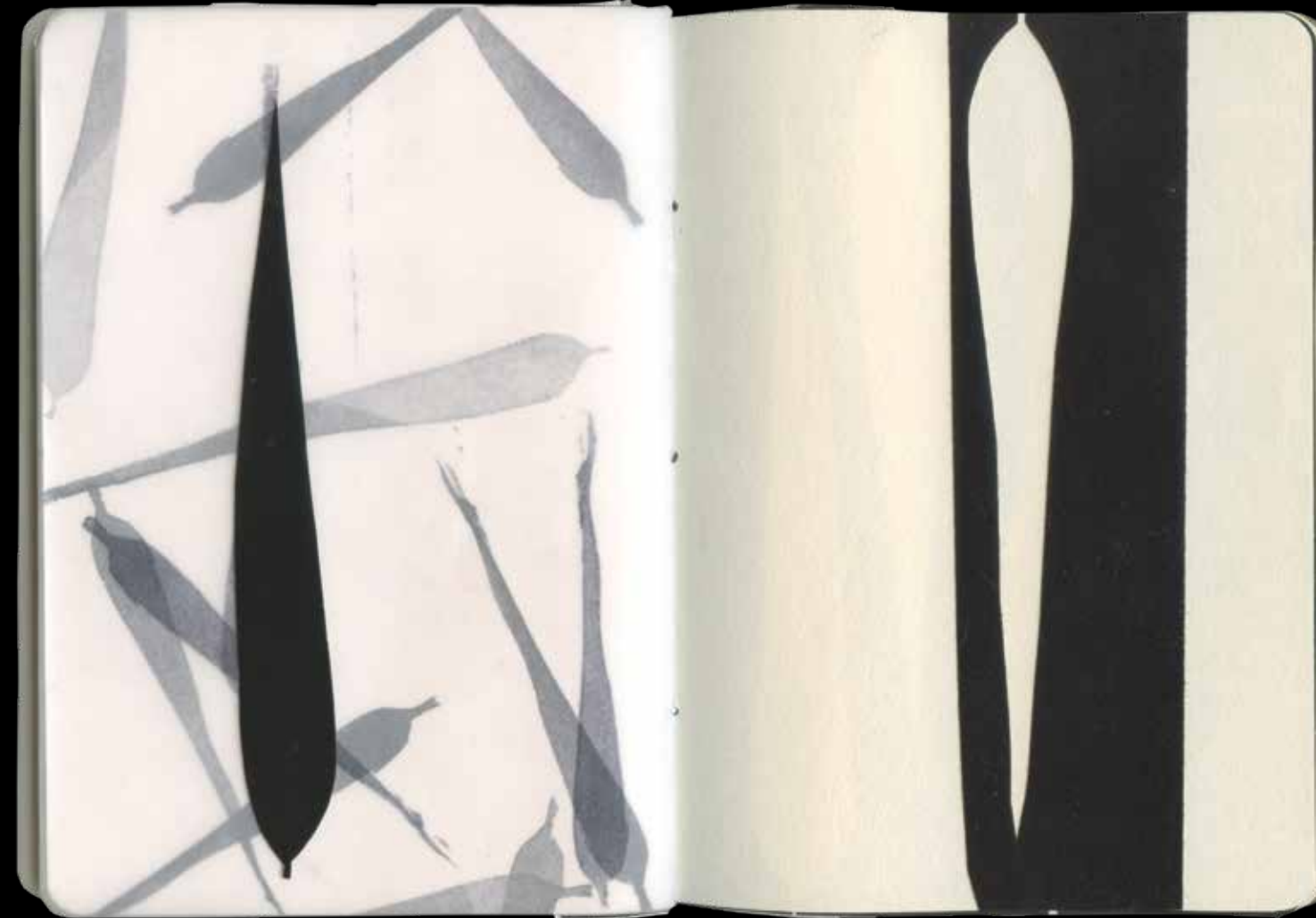
LUCIA PY - O Azul da Cena - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



CILDO OLIVEIRA - Enquanto Aldeões Guaiás - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



HERÁCLIO SILVA - UmKubo - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



LUCIANA MENDONÇA - Há Partes Há. - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



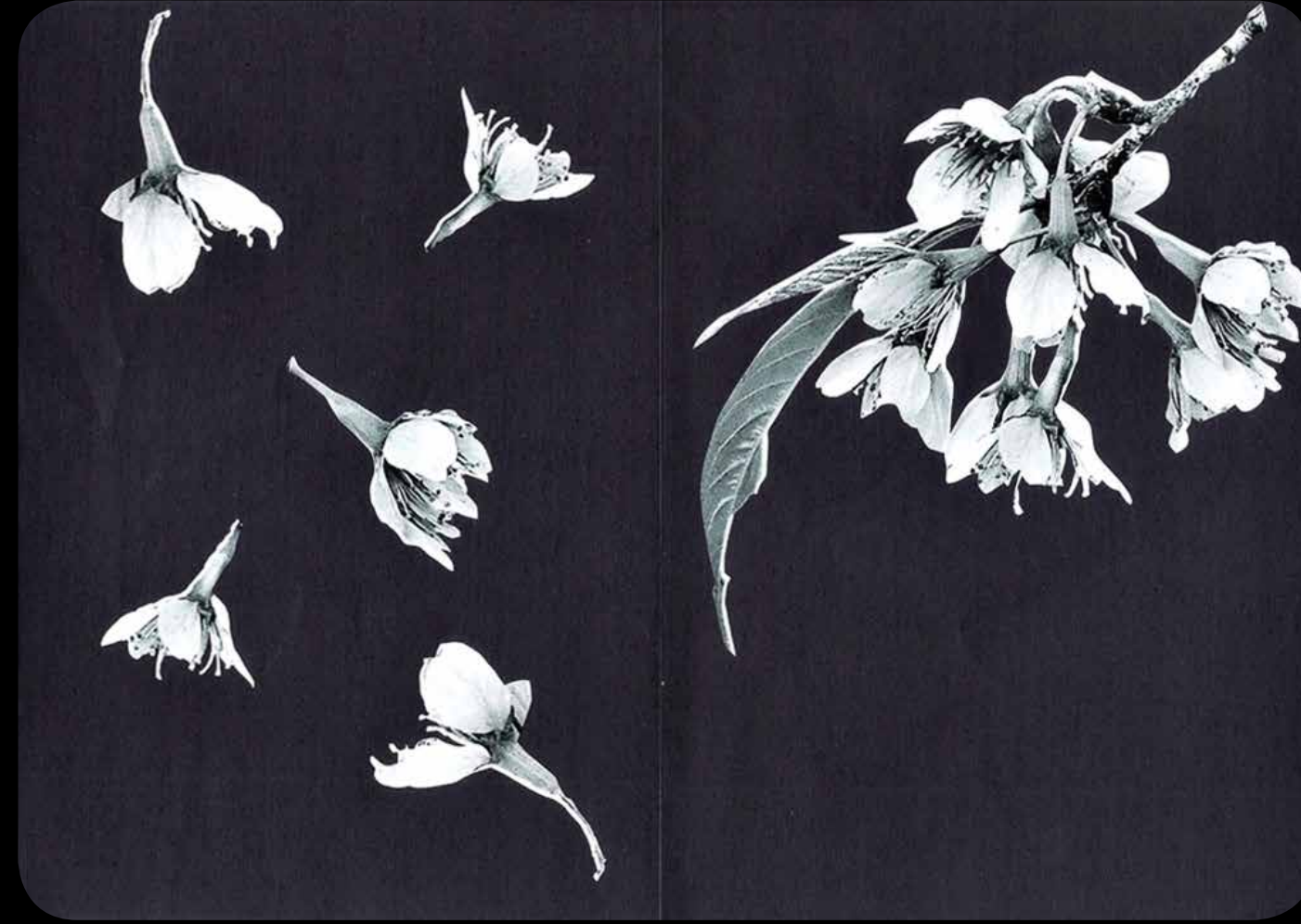
GERSONY SILVA - Quando asas se cria - Sketchbook Project - Brooklyn Art Library - NY



LUCY SALLES - Variações Vermelhas - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



RENATA DANICECK - Horse Brasses - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



REGINA AZEVEDO - Sakura - Cherry Blossom Beleza Efêmera - Sketchbook Project - junho 2017 - Brooklyn Art Library - NY



PROCOA - BREVE HISTÓRICO

UM IMPERATIVO DE CONTINUIDADE, DE CONTINUAÇÃO
Lucia Py - Artista Plástica, participou do Projeto Outubro Aberto e do Coletivo 05-08.

Pro de Projeto, C de Circuito, OA de Outubro Aberto, que foi um movimento de abertura de ateliês de artistas plásticos residentes em São Paulo para dar acesso ao processo de pesquisa, desenvolvimento e construção de produção artística como um todo. "O atelier deve ser um espaço anfitrião" *Rita Rioteiro Cordula* (1937/2009), crítica de arte da AICA, com escritório em Paris/França, curadora do projeto Atelier/Espaço Outubro Aberto, nos anos 2006, 2007, 2008 e 2009, já com sua ausência.

Este espaço-anfitrião deveria estar pronto, disposto a receber, montado com muita generosidade, apresentando as diversas etapas do processo de trabalho: a produção passada, as obras e material de publicação remanescentes de projetos expostos apresentados como casos críticos e transparentes; a produção presente em execução com materiais e técnicas em uso; a produção futura com o "mapa" de pesquisa, fontes, esboços, anotações, cadernos, projetos, protótipos. A reflexão aberta e acessada a todos os interessados, como um movimento natural de seu tempo. Era para ter começado dois anos antes (2004), coincidentemente usando o mote Barthesiano - "Como Viver Junto". Atrasos, não foi fácil o processo inicial.

De Paris, um telefonema:

"LUCIA, VOCÊ VIU O CONCEITO ADOTADO PELA BIENAL? ESTÁ TUDO MARAVILHOSAMENTE, HÁ ALGUM TEMPO, NO AR. AGORA, MAIS DO QUE NUNCA, O ATELIER ABERTO TEM QUE SAIR..."

Assim foi feito, saiu no ano da 29ª Bienal de São Paulo (2006). Alguns integrantes, parceiros e artistas de Outubro Aberto (Thais Gomes, Paula Salusse, Luciana Mendonça, Sonia Talariço, Lucia Py, Cristiane Ohashi, Tácioto Carvalho e Silva, Arminda Jardim) também integraram o Coletivo 05-08, com data marcada de início (2005) e de término (2008), que teve a grande e competente participação do crítico de arte, jornalista e poeta, Paulo Klein. Materiais gráficos, projetos foram feitos.

Outubro Aberto e Coletivo 05-08 são coincidentemente pais genéticos deste atual momento, semearam em nós a certeza imperativa de continuidade.

... "a continuidade é o fecundo contínuo, ou se quer, a coabitação do passado com o futuro, e é a única maneira eficaz de não ser reacionário" Ortega Y Gasset".

Agregado de novos integrantes, o Pro COA se vê agora como um campo das práticas na procura de conhecimentos, como um espaço de desvelamentos quanto essência da solidariedade. Fazendo-se como uma questão, um registro, um mapa, um guia, aberto-acessado que possa ser acompanhado se assim o desejarem...

VIVER MAIS JUNTO VIVER MAIS COLETIVAMENTE

texto publicado no Veículo I, em maio de 2010

A palavra reveladora de uma fantasia latente de sociabilidade foi encontrada, por Barthes, na leitura de *L'Étranger* [O Estrangeiro] de Jacques Lacarrière: será a "idiortimía".

Composta de *idos* (próprio) e de *rythmós* (ritmo), a palavra, que pertence ao vocabulário religioso, remete a toda comunidade em que o ritmo pessoal de cada um encontraria seu lugar. A "idiortimía" designa o modo de vida de certos monges do monte Atoz, que vivem sós mas dependem de um mosteiro; ao mesmo tempo autônomos e membros de uma comunidade, solitários e integrados, os monges idiortimicos pertencem a uma organização situada a meio-caminho entre o eremitismo dos primeiros cristãos e o cenobitismo institucionalizado.

Sem ligação direta com a vida convencional, a idiortimía designa igualmente, no curso de Barthes, todos os empreendimentos que conciliam ou tentam conciliar a vida coletiva e a vida individual, a independência do sujeito e a sociabilidade do grupo.

Os arquivos de "Como viver junto" comportam dois tipos de suportes: o próprio texto do curso e as fichas de trabalho. O mais importante é o texto manuscrito das notas de aula.

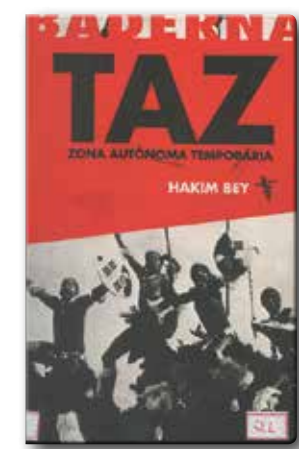
Começo de pensamento, simples esboço, ou aproximação puramente descritiva, cada "traço", cada "dose" desiste de ser exaustivo, para favorecer o investimento pessoal dos ouvintes. Correndo o risco assumido da banalidade, Barthes renuncia a ser muito culto, por medo de se fechar no método. Inaugurando uma busca que cabe aos outros prosseguir, articulando a pesquisa singular e a pluralidade dos prolongamentos, Barthes transpõe, ao domínio intelectual e pedagógico, aquela idiortimía que o inspira, no conteúdo como na forma de seu curso.

Como viver junto: simulações romanesacas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976 - 1977 / Roland Barthes, 2a Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Coleção Roland Barthes. Prefácio de Claude Coste: Páginas XXVI, XXXII, XXXIII e XXXVI.

Estudar o passado é uma condição necessária para quem almeja — se for o caso — libertar-se dele. Afinal, como também já se disse, "é difícil saber o que torna alguém mais retrógrado — não conhecer nada exceto o passado ou nada exceto o presente".

O futuro despe o passado. Nossas escolhas têm consequências imprevistas.

mas a qualidade dos encontros, a experiência mostrara a eles, dependia de uma boa dose de investimento e trabalho preparatórios. O suor teria que ser a enzima da inspiração. Como no jazz a improvisação não prescindia do treino e do ensaio.



O mapa está fechado, mas a zona autônoma está aberta. Metaforicamente, ela se desdobra por dentro das dimensões fráctais invisíveis à cartografia do Controle.

Estamos à procura de "espaços" (geográficos, sociais, culturais, imaginários) com potencial de florescer como "zonas autônomas" — dos momentos em que estejam relativamente livres, seja por negligência do Estado ou pelo fato de terem passado despercebidos pelos cartógrafos, ou por qualquer outra razão. A psicotologia é a arte de submergir em busca de potenciais TAZs.

Quanto ao futuro, apenas o autônomo pode planejar a autonomia, organizar-se para ela, criá-la. É uma ação conduzida por esforço próprio. O primeiro passo se assemelha a um *gato* — a constatação de que a TAZ começa com um simples ato de percepção.

Felicidade: diálogos sobre o bem-estar na civilização / Eduardo Giannetti. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Páginas 11, 21 e 29. Taz: zona autônoma temporária / Hakim Bey. 3a Edição. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2011. Páginas 19, 22, 23 e 72.

'O precário é condição predominante na criação', diz Néstor Cancilini

Situo o ato criador como parte de um processo criativo. Não é um ato súbito, mas algo que requer um estímulo de trabalho. Me interessa hoje explorar como o pensamento contemporâneo se vale da noção de criatividade, a identificar quatro características principais, de todo processo criativo: inovação, que se refere a um processo de repetição que gera algo novo, que não existia. Uma segunda característica é a incerteza, porque a atividade criadora não transita por caminhos programados, de um início até um resultado previsível. Ela se desenvolve através de uma constante experimentação. Um terceiro aspecto é a precariedade, que designa a condição social de fragilidade e desproteção em que se desenvolvem, hoje, os processos criativos. E o último ponto que me interessa é pensar a profissão criativa neste mundo globalizado e de interculturalidade, a relação entre o trabalho criador e a sociedade, mas a criação que não se limita apenas a responder às condições de uma cidade ou de um país, mas a um horizonte muito mais amplo.

* Como Bernard Williams argumentou "o desacordo não deve ser necessariamente superado". De fato, "ele pode permanecer como um traço importante e constitutivo de nossas relações com os outros, e também ser visto como algo a ser simplesmente esperado à luz das melhores explicações que temos sobre como tal desacordo surge" *Ethics and the limits of philosophy*. Londres: Fontana, 1985, p. 133).



Uma estrutura espaço-temporal transtornada

Fluxo de tempo: antes de tudo, pensar a obra como processo equivale a pensá-la segundo o tempo. O tempo se torna o suporte da criação, em detrimento do espaço, até então considerado o principal material — sendo as artes plásticas o exemplo por excelência da atividade artística. Vi-mos assim, com Goodman e Genette, as obras se desdobram no espaço em extensão, se desfazem de seu caráter único em busca de existências alótópicas e alográficas.

Trata-se de pensar a obra não como resultado acabado de uma prática, e sim como um processo, a obra-processo vindo então se opor à obra-objeto e substituí-la.

Entrevista com Néstor Cancilini, de Luiz Felipe Reis, Caderno de Cultura, Jornal O Globo, publicada em 14 de Maio de 2015. A ideia de justiça / Amartya Sen. São Paulo: MARION Books, 2001. Páginas 12 e 218. No ângulo dos mundos possíveis / Anne Cauquelin. São Paulo: Martins Fontes, 2011. Coleção Todas as Artes. Páginas 149 e 150.



Esses procedimentos "relacionais" (convites, distribuição de papéis, encontros casuais, espaços de convívio, pontos de encontro etc.) são apenas um repertório de formas comuns, veículos por meio dos quais se desenvolvem pensamentos singulares e relações pessoais com o mundo. A forma posterior que cada artista dará a essa produção relacional tampouco é imutável: esses artistas apreendem seus trabalhos de um ponto de vista triplo, ao mesmo tempo estético (como "traduzi-los" materialmente?), histórico (como se inscrever num jogo de referências artísticas?) e social (como encontrar uma posição coerente no estado atual da produção e das relações sociais?).

A arte contemporânea realmente desenvolve um projeto político quando se empenha em investir e problematizar a esfera das relações.



Marcas, logos e grifes são os termos da linguagem do reconhecimento. O que se espera que seja, como regra, deve ser "reconhecido" com a ajuda de grifes e logos é o que foi discutido nos últimos anos sob o nome de identidade. A operação acima descrita está por trás da preocupação com a "identidade" a que foi concedida tal centralidade em nossa sociedade de consumidores. Mostrar "caráter" e ter uma "identidade" reconhecida, assim como descobrir e obter os meios de assegurar a realização desses propósitos inter-relacionados, tornam-se preocupações centrais na busca de uma vida feliz.

Os filósofos da ética fizeram o possível para estabelecer uma ponte entre as duas margens do rio da vida: o auto-interesse e a preocupação com outros.

Estética relacional / Nicolas Bourriaud. São Paulo: Martins, 2009. Coleção Todas as Artes. Páginas 23, 63 e 64. A era do acesso / Jeremy Rifkin. São Paulo: MARION Books, 2001. Páginas 12 e 218. A arte da vida / Zygmunt Bauman. Rio de Janeiro: Zahar, 2009. Páginas 21 e 124.

PROCOA

PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO 2018
(visitas aos ateliês agendadas por email)

CONSULTORIA CURATORIAL (2010 - 2018): OLÍVIO GUEDES
Constituição e formulação dos projetos NASQUARTAS: L.Py, C. Oliveira, H. Salles, Luciana Mendonça, T. Gomes, 2010 - PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO - OUTUBRO 2010 - Painéis 2a e 3a Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Coleção Roland Barthes. Prefácio de Claude Coste: Páginas XXVI, XXXII, XXXIII e XXXVI.

PARTICIPANTES 2018 - OLÍVIO GUEDES - olivioledes@terra.com.br - LUCIA PY - luciamariapy@yahoo.com.br - CILDO OLIVEIRA - cildoliveira@gmail.com - CRISTIANE OASHI - crisashi@gmail.com - HERACLIO SILVA - heracliosilva@aol.com - GERSONY SILVA - gersonysilva@gmail.com - LUCIANA MENDONÇA - lucianamendonca@gmail.com - LUCY SALLES - lucysalles@gmail.com - REGINA AZEVEDO - reginaazevedo@gmail.com - RENATA DANIECK - renatadanick@terra.com.br

ENCONTROS: SEGUNDA 2ª FEIRA DO MÊS - 10h30 às 16h30h - Biblioteca do Clube Hebraica - São Paulo - SP - procoa@gmail.com

PROCOA - PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO (2010 - 2018)
2010 - PROJETO CIRCUITO OUTUBRO ABERTO - OUTUBRO 2010 - Painéis 2a e 3a Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Coleção Roland Barthes. Prefácio de Claude Coste: Páginas XXVI, XXXII, XXXIII e XXXVI.



ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO (2005 - 2009)
curadora: Rita Rioteiro Cordula (1937/2009) - crítica de arte da AICA - coordenação: Lucia Py / produção: Paula Salusse e Sonia Talariço

2005 - ATELIER ABERTO - curadora: Rita Rioteiro Cordula - GALPÃO 3 - Atelier espaço Lucia Py - 2006 - ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO - Painéis 2a e 3a Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Coleção Roland Barthes. Prefácio de Claude Coste: Páginas XXVI, XXXII, XXXIII e XXXVI.

2005 - ATELIER ABERTO - curadora: Rita Rioteiro Cordula - GALPÃO 3 - Atelier espaço Lucia Py - 2006 - ATELIER ESPAÇO OUTUBRO ABERTO - Painéis 2a e 3a Edição, São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013. Coleção Roland Barthes. Prefácio de Claude Coste: Páginas XXVI, XXXII, XXXIII e XXXVI.

